

PORTUGAL IMAGINADO POR ESCRITORES LUSO-DESCENDENTES *

ANA PAULA COUTINHO MENDES
apcoutinho@sapo.pt

Um murmúrio a que alguma razão passada
prende os sentidos e que perdura
no meio da vozeria da solidão e das interrogações,
um olho cego, um animal indecifrável atravessando a
distância e olhando-nos ainda,
a nós que os nossos olhos já não podem ver.

Manuel António Pina¹

Há já alguns anos, vem-se desenhando uma tendência discreta, mas constante, de vinda para Portugal de jovens luso-descendentes residentes na Europa, seguindo aquilo que não passa, muitas vezes, de um apelo vago, alimentado por razões difusas, para uma experiência de vida (temporária ou definitiva) no país dos seus progenitores. Chamou-se-lhe até “A Miragem Portuguesa”, como para ditar um vaticínio de pessimismo implacável nas suas confrontações implícitas, segundo o qual esse percurso teria já um fim à vista: o regresso ao país de origem ou de imigração/exílio dos seus familiares². Obviamente, não será aqui lugar para corroborar

* Este estudo, elaborado no âmbito de um Projecto de Investigação, «Literatura e Identidades», do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, financiado pela FCT, foi apresentado como comunicação ao V Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada (Coimbra, 1-4 de Junho de 2004).

¹ «Gare du Sud», in *Os Livros*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003, p. 25.

² Vd. nota editorial, assinada por João Carlos Silva, in *Pública* (n.º 238, 17 de Dezembro de 2000), cujo tema de destaque surgia com o seguinte título: «Regresso às Origens — filhos de emigrantes atraídos por Portugal».

ou para desmoronar esses exercícios futuroológicos sobre mobilidades demográficas. O meu propósito é outro, ainda que não de todo alheio a este contexto de efeitos colaterais do que se tornou usual chamar “a diáspora portuguesa”.

No âmbito daquele que tem sido o meu objectivo de estudar os modos e implicações de uma literatura emergente de luso-descendentes³, no quadro mais amplo de uma investigação de poéticas comparadas e de interculturalidades sob o ângulo da dupla pertença cultural, procuro desta vez debruçar-me sobre um imaginário luso a partir especificamente daquela que é uma tendência transversal a alguns escritores luso-descendentes: a referência ao país dos seus familiares e a algum do seu legado cultural. Não se trata aqui, por conseguinte, de experimentar vir residir para Portugal, mas de (re)visitar, literariamente, este país e assim imprimir uma marca no património cultural que, sendo português (ou de um Portugal vivido à distância), não pode senão pertencer desde logo ao património linguístico e cultural dos respectivos países de naturalidade e/ou de residência.

Sem ser, de modo algum, um traço exclusivo de escritores luso-descendentes, esta remissão para a terra dos progenitores ou dos antepassados fica a dever-se não apenas à existência de uma diversidade cultural em sociedades contemporâneas, fortemente constituídas por vagas migratórias, mas também e sobretudo ao reconhecimento dessa diversidade⁴. É nesse contexto de uma “new ethnicity” que tem vindo a ganhar expressão a chamada “literatura étnica”⁵, enquanto uma das mais impor-

³ Sobre a fluidez e emergência do “corpus” que sustenta esta designação, vd. Ana Paula Coutinho Mendes, «Ficções de luso-descendentes e identidades híbridas», in *Cadernos de Literatura Comparada*, 8/9, Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2003, pp. 26-31.

⁴ A este respeito, julgo que não poderemos senão corroborar Farhad Khosrokhavar, da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, quando lembra que aquilo que actualmente se chama multiculturalismo tem pontos comuns com o monoculturalismo das sociedades modernas pós-iluministas. O que acontece é que, nestas últimas, não existia o reconhecimento público da hibridação e da mestiçagem, enquanto que, agora, sobretudo com o contributo dos meios de comunicação electrónicos, essas formas de expressão cultural, além de terem mais oportunidades de criação, dispõem também de maior exposição (e até de exportação) num espaço público, que assim vai resistindo à uniformidade. Cf. Farhad Khosrokhavar, «La fin des monoculturalismes», in *La Différence Culturelle — Une Reformulation des Débats* (Colloque de Cerisy sous la direction de Michel Wieviorka et Jocelyne Ohana), Paris, Balland, 2001, p. 26.

⁵ Devo, contudo, notar que se trata de um “rótulo”, no sentido de classificação com alguns vícios ou limites de carácter sociopolítico e epistemológico, para os quais procurei chamar a atenção num estudo anterior (Ana Paula Coutinho Mendes, *Joc. cit.*, pp. 28-29).

tantes modalidades simbólicas de construções identitárias com que, nas últimas décadas, se tem questionado o monoculturalismo característico do Estado moderno que, por sua vez, sempre procurou reger a nação pela unidade e homogeneidade culturais.

Com efeito, para os países ocidentais, esse paradigma de assimilação e de homogeneidade parece ter terminado, pelo menos a nível de (boas) intenções, ou viu-se substituído por outros ciclos e quadros de unificações que, correspondendo a contextos políticos diferentes, são eles também consequência da crise das sociedades modernas, onde o enfraquecimento ou mesmo o fim da identificação com o espaço nacional faz emergir outros processos de localização e de deslocalização das identidades colectivas, tais como as identificações micro-espaciais, radicadas nos arredores das grandes metrópoles, ou as identificações transnacionais, desenvolvidas ou por projectos económicos e políticos, ou através das redes quer virtuais, quer simbólicas, estas últimas associadas sobretudo aos grupos ligados a dinâmicas da diáspora.

Estas novas formas de identificação obrigam a repensar, entretanto, a forma como foi lida a modernidade em termos económicos e sociais, prevendo indivíduos sem ligações à terra natal, à família e/ou a outras estruturas políticas e económicas tradicionais da reprodução social.

No rescaldo de Maio de 68, Gilles Deleuze e Félix Guattari desenvolveram uma célebre análise cruzada de marxismo, estruturalismo e psicanálise, onde concebiam os movimentos de deslocação como consequência da desterritorialização do capitalismo, num processo que começava por afectar do centro para a periferia, acabando por a esquizofrenar⁶. Como conjuro dessa desterritorialização, os autores de *L'Anti-Édipe* apontavam também para aquilo que chamavam «re-territorializações fictícias e artificiais», responsáveis por converterem o mundo da representação numa representação subjectiva e infinita, como uma espécie de «teatro íntimo e familiar»⁷. Nessa óptica, tratava-se de um efeito-limite do capitalismo, reduzindo o indivíduo à máquina «edipiano-narcisista»⁸.

Ora, o problema dessa análise, “malgré tout” edipiana, é que Deleuze e Guattari, no seu afã iconoclasta, na sua manifesta recusa do “romance familiar” freudiano, não só acabavam por fazer uma leitura familista daquilo

⁶ Gilles Deleuze; Félix Guattari, *L'Anti-Édipe*, Paris, Minuit, Nouvelle édition augmentée, 1975 [1972], p. 275.

⁷ *Ibidem*, p. 363.

⁸ *Ibidem*, p. 317.

que é um quadro estrutural onde se desenvolve a relação parental como relação sempre derivada e polissémica, como também acabavam por transpor para realidades etnográficas, esquemas traçados sob um prisma ideológico de positividade.

Noutros termos, adaptados directamente ao nosso assunto, dir-se-á que, se é verdade que os movimentos sociais que, nas últimas décadas, têm afectado das “periferias” para o “centro”, se fazem acompanhar muitas vezes de um reatar de laços familiares e do recuperar de tradições culturais, também é inegável que os variados factores que têm contribuído, de modo mais ou menos organizado, para as novas — reais e simbólicas — topografias das sociedades contemporâneas, exigem a concorrência de outros instrumentos e parâmetros de reflexão sobre o espaço e os “processos de singularização” (Guattari) existenciais, que não se limitem a interpretar representações e dinâmicas socioculturais como «re-territorializações nevróticas ou perversas»⁹.

Apresentada esta demarcação de partida relativamente àquela que acaba por ser, muitas vezes, a tentativa de reduzir o campo de expressão simbólica a uma leitura regressiva ao binómio “papá-mamã”¹⁰, voltemos de novo ao caso da emigração portuguesa, em relação à qual se poderá dizer que tinha razão e não tinha Eduardo Lourenço quando, em 1978, no seu ensaio *O Labirinto da Saudade*, apontou aquilo a que chamava uma «evidência imensamente triste e imensamente justa: milhares dos nossos compatriotas — e em particular os seus filhos — são *felizes* lá fora, ou pelo menos, já estão inseridos na trama dos povos que os acolheram que a ideia mítica do regresso a Portugal só a isso se resume.»¹¹. Outros estudos há, mais recentes, que têm vindo corroborar essa mesma

⁹ *Ibidem*, p. 458. A propósito, note-se o que foi sendo estudado no âmbito dos estudos antropológicos, por exemplo os de Michel de Certeau ou de Marc Augé, onde se confere uma atenção acrescida ao indivíduo, aos seus percursos e iniciativas quotidianas. Cf. Marc Augé, *Pour une Anthropologie des Mondes Contemporains*, Paris, Flammarion, “Champs”, 1994, pp. 132-133.

¹⁰ Parece-me sobretudo que poderá enfermar algum pré-conceito bloqueador julgar a tendência da remissão para o universo das origens como se ela fosse apenas mais um sinal daqueles romances que Gilles Deleuze, numa entrevista de 1980 (publicada na reedição do número da *Arc* que lhe foi dedicado) apontava como prova do fracasso de *L’Anti-OEdipe*, ao constituírem — reconhecia o filósofo — uma manifestação não do “pensamento do desejo”, mas do mais linear património familiar, desenvolvendo à exaustão “tout un papa-maman”.

¹¹ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade — Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1988, [1978], p. 124.

tese do fim do “mito do retorno”¹² daqueles que as diferentes e oficiais vagas ideológicas consideravam os “filhos pródigos” da Pátria e que parecem possuir uma manifesta «capacidade de se fundirem na paisagem»¹³ para que se transferiram. Embora mais uma vez deva sublinhar que não é meu objectivo analisar esses índices sociais, não posso deixar de recordar os indícios sociais a que comecei por fazer referência. Por outras palavras: se, por um lado, se confirma a efectiva inserção social ou integração da maior parte das chamadas, ainda que sem rigor, segunda e terceira gerações de emigrantes, e até uma resistência a um regresso definitivo por parte dos primo-emigrantes, por outro lado, aquela ideia de regresso mítico que, nas palavras de Eduardo Lourenço, denunciava uma ilusão nunca consumada, tem vindo a ganhar forma não apenas em algumas experiências de vida, mas também em viagens ou deslocações mitografadas nas experiências literárias de escritores luso-descendentes.

Com efeito, não se pode ser insensível ao facto de um número considerável de textos literários, escritos por luso-descendentes, demonstrar uma consciência implícita e explícita de Portugal, ao efectuar uma incursão a um território geográfico e cultural que, na maior parte dos casos, já não corresponde à sua terra natal. A partir daqui, algumas das questões que se nos podem colocar têm a ver com as imagens que de Portugal resultam desses textos e com as funções que elas podem desempenhar em termos de construção narrativa, de reflexão existencial e de interculturalidade, desde logo porque estamos perante obras publicadas, antes de mais, no estrangeiro e em busca de um público estrangeiro. Quer dizer, portanto, que esse imaginário lusitano decorre de “um olhar de fora”, mas normalmente por um curioso contrato de leitura paratextual que, destacando as origens alienígenas dos seus autores, lhes outorga um estatuto ambíguo de “estrangeiros íntimos” quer em relação a Portugal, quer mesmo em relação ao país de nascimento e/ou de residência. Assim, e uma vez que aquilo que é representado não pode ser de todo imune ao estatuto de

¹² Vd. Régis Pierret, «Les Portugais de France. De la communauté à l'intégration républicaine», in *La différence culturelle*, op. cit., pp. 192-197. O Autor do artigo salienta o papel crucial das mulheres na integração-assimilação em França, mas curiosamente existe também uma certa tendência feminina no reatar das identificações com a cultura dos antepassados... Querirá isto dizer que este protagonismo das mulheres não faz senão reflectir o seu quadro de actuação geral, nomeadamente nos sectores da educação e da cultura? Ou residirá aí também uma forma de construção identitária particularmente válida para as mulheres?

¹³ Cf. Eduardo Lourenço, *Portugal como Destino* seguido de *Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999, p. 87.

quem o representa (ou seja, ao lugar real e simbólico da enunciação), estamos aqui perante uma variante curiosa dos estudos imagológicos, porquanto as representações literárias da realidade estrangeira são, neste caso, concebidas por aqueles para quem Portugal é e não é “o estrangeiro”.

A esse contrato prévio de leitura vem também associar-se uma construção diegética focalizada em personagens que ora concebem Portugal à distância, ora o (re)encontram através de viagens pontuais, impelidos por uma atracção pela terra dos seus progenitores, o que também confere a estas “narrativas de viagem” um estatuto particular, dado que não só representam um ponto de compromisso entre “nativo” e “viajante”, como também podem ser encaradas enquanto processo de legitimação de uma “periferia” e não — como sob “olhares imperiais” — de um “centro”¹⁴.

Em relação a essas viagens reais ou mentais, importa ainda salientar que elas representam, antes de mais, deslocações a um país narrado ou transmitido por testemunhos familiares. E justamente porque recuperam memórias da esfera do privado, sobretudo da infância, não poderá surpreender que o Portugal recriado na escrita de luso-descendentes seja um país profundamente regional a remeter, predominante ainda que não exclusivamente, para as regiões de origem dos progenitores seja dos próprios autores, seja das personagens — rostos da sua própria alteridade.

No caso dos luso-americanos (Katherine Vaz, Frank Gaspar, Sam Pereira, Michael Garcia Spring...), a remissão dá-se fundamentalmente para os Açores e até com especificidades de ilhas (como é o caso da Terceira para Katherine Vaz e o Pico para Frank Gaspar). Já a luso-canadiana Erika Vaskoncelos revisita Portugal continental, especialmente Lisboa e um pouco das Beiras, enquanto no caso da luso-francesa Alice Machado, esta tanto evoca a região natal de Trás-os-Montes, como reenvia para Porto Santo, com algumas alusões ainda à África das ex-colónias portuguesas (como também faz, de passagem, Katherine Vaz¹⁵). Por seu turno, o imaginário da luso-francesa Brigitte Paulino-Neto, não estando tão marcado regionalmente, tende a privilegiar o sul do País.

A estas remissões e evocações geográficas vem também associar-se, em especial na escrita de alguns autores luso-americanos, a imagem do Portugal emigrante, reproduzindo os costumes e até as rivalidades regionais do País natal (como acontece, por exemplo, entre “Picos” e “Lisboas” no

¹⁴ Cf. Mary Louise Pratt, *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*, Routledge, 1994.

¹⁵ Cf. «How to grow orchids without grounds — A manual», in *Fado & Other Stories*, University of Pittsburgh Press, 1997, pp. 139-165.

romance de Frank X. Gaspar — *Leaving Pico*¹⁶). Desse Portugal emigrante, ressalta sobretudo a imagem de coesão alicerçada nas fortes tradições familiares e culturais, resultando muitas vezes numa também (de)limitação insular a que já foi dada a sugestiva designação de “L(USA)lândia” ou “a Décima Ilha”¹⁷. Entretanto, por contraponto, ou por sinal dos tempos mais recentes, no último romance de Erika Vasconcelos — *Between the Stillness and the Grove*¹⁸ — Portugal já não aparece como terra de emigrantes, mas de imigrantes; concretamente, Lisboa é representada como cenário de acolhimento (e de passagem) da diáspora arménia.

Não caberá nos limites desta comunicação, estabelecer um confronto sistemático e minimamente representativo entre a geografia imaginária portuguesa dos luso-descendentes e aquela “geografia patética” ou “topografia evocativa” a que se refere Jankélévitch na sua análise dos contornos da nostalgia como, literalmente, “doença ou mal do regresso”. Mesmo assim, importa desde já sublinhar que para a maioria dos autores aqui abordados e ao contrário daqueles que — emigrantes e/ou exilados — regressam ao lugar de partida e de pertença, não se coloca a questão do desapontamento que o autor de *L’irréversible et la nostalgie* identifica como sintoma de uma “nostalgia aberta”¹⁹. Não tendo nascido em Portugal, ou tendo saído deste país muito jovens, as suas memórias são quase sempre indirectas, resultam de histórias contadas, de testemunhos partilhados; o seu mapa de referências pessoais não se desenha à imagem de um “Olhar de Ulisses”, antes representa um reinvestimento e reapropriação de olhares, memórias e lendas de outros, quando muito lembranças de algumas visitas veraneias. Mesmo quando se trata de visitar a ilha abandonada na mais verde infância, como a Clara do romance *Saudade* (Katherine Vaz)²⁰, a surpresa, a estranheza ou o contentamento sobrepõem-se a qualquer desilusão, porquanto estes viajantes conseguem que essa deslocação, real e/ou imaginária ao estrangeiro íntimo, lhes confira a sensação pontual de vencerem a irreversibilidade do tempo, ao reencontrarem ou reviverem a sua própria infância.

¹⁶ Frank X. Gaspar, *Leaving Pico*, University Press of New England, 1999.

¹⁷ Cf. Onésimo Teotónio Almeida, *Da Vida Quotidiana na Luslândia*, Coimbra, Atlântida, 1975. Ainda do mesmo autor, *L(usa)lândia: A décima ilha*, Angra do Heroísmo, Direcção dos Serviços de Emigração, 1987.

¹⁸ Erika Vasconcelos, *Between the Stillness and the Grove*, Canada, Alfred A. Knopf, 2000.

¹⁹ Vladimir Jankélévitch, *L’irréversible et la nostalgie*, Paris, Flammarion, 1974, p. 360.

²⁰ Katherine Vaz, *Saudade*, New York, A Watt Book for St. Martin’s Press, 1994.

De resto, o motor narrativo que representa essa forma de “Viagem ao Princípio do Mundo”, como a que faz Afonso — a personagem de actor luso-descendente no filme de Manuel de Oliveira (1997) — começa por ser uma viagem por procuração, quase no sentido literal do termo. Assim acontece com Dean, o jovem luso-descendente da história de Katherine Vaz, intitulada «My Hunt for King Sebastião»²¹, ou com Reginald de «Undressing the Vanity Dolls»²², que acabará por escolher a Madeira como “destino de lua-de mel”, à força de ouvir, encantado, as histórias dessa ilha, contadas não pelos seus progenitores que curiosamente as silenciavam, mas pelo seu Professor de Botânica, Eduardo Dias, também ele madeirense. Por sua vez, a protagonista de *Jaime Baltazar Barbosa* (Brigitte Paulino-Neto)²³ vem sozinha a Portugal, numa viagem de trabalho que acabará por se tornar numa experiência simbólica de amor e morte. É poder-se-á ainda lembrar Fiona, a personagem central de *My Darling Dead Ones* (Erika de Vasconcelos)²⁴, que, ao vir a Portugal, volta à terra tanto das suas avós, como de algumas memórias de infância. Se a razão imediata dessa viagem se prende com o acompanhar da exumação dos ossos da avó Leonor, ao mesmo tempo que procura reencontrar-se a si própria, depois de uma ruptura amorosa, a razão mais profunda esfuma-se numa interrogação ecoada e final, à qual a personagem responde de uma forma que se evade por entre a densidade cruzada de planos, tempos e sensações:

«I have come for fountains shaped like quatrefoils, trickling in courtyards. For the smooth stones of pavements, walked on for centuries. For the taste of sugar in my mouth, mornings on the beach. (...) I have come for kings and queens encased in tombs, and thin dogs gnawing on chicken legs in open markets and rose petals on the steps of churches. I have come for the ever-present sea and the precipices that beckon, *Look, will you choose to die today? Look how easy it is to fall off!* For the huge statue of Christ whose head bends over the city, in this country of old saints and stone.»²⁵

²¹ In Katherine Vaz, *Fado & Other Stories*, op. cit., pp. 16-41.

²² *Ibidem*, pp. 56-74.

²³ Brigitte Paulino-Neto, *Jaime Baltazar Barbosa*, Paris, Verticales, 2003.

²⁴ Erika Vasconcelos, *My Darling Dead Ones*, First Vintage Canada Edition, 1998.

²⁵ Erika Vasconcelos, op. cit., pp. 194-195.

Impressões como estas, imbuídas de um halo vago, quase misterioso, não raro erguem um Portugal idílico ou mesmo mitificado, por exemplo sob a forma de uma terra lendária como os Açores, ou de um espaço sagrado como o Vale de Côa²⁶, construindo uma espécie de “ailleurs” (“feérico, cintilante e distante”, como a Madeira do Professor Eduardo Dias a ecoar na imaginação ou desejo de Reginald), em resposta implícita a um “nulle part”. Neste sentido, considerar-se-ia que as imagens de Portugal na escrita destes autores tenderiam a funcionar como lugares ou ilhas simbólicas de autenticidade, a contraporem-se, directa ou indirectamente, aos “não-lugares” que Marc-Augé associou à actual “sobremodernidade”. Mas, também a este nível, impõe-se resistir à facilidade de algumas bipolarizações, uma vez que os espaços geográficos e culturais que não têm a ver com Portugal tão-pouco costumam estar representados com marcas de negatividade e, portanto, susceptíveis de erigir um determinado universo por recusa de (ou fuga a) outro. De uma forma geral, as personagens — tanto poéticas como narrativas — não rejeitam seja Lodi, seja Toronto, Paris ou Provincetown, mas procuram, isso sim, completar a sua cartografia interior. Daí que as suas representações de Portugal surjam como imagens daquele que, no horizonte do desejo, permanece como um lugar (também) identitário, relacional e histórico²⁷.

Por conseguinte, quando a aproximação ao território português acontece, sob forma de uma viagem — explícita ou implícita —, ela acaba por adquirir contornos de viagem iniciática em busca de algo que está para além do verbalizável, mas que acaba sempre por ser uma busca de sentido e enquadramento existencial, de (re)descoberta do sujeito, ganhando, na melhor das hipóteses, o carácter de uma (re)conciliação interior ou a sensação íntima de inteireza: «I’m definite» — exclama Michael (Garcia) Spring no poema «Approaching the Azores», ao avistar imaginariamente a sua «ancestral home» — Ilha do Pico, terra natal que o seu avô deixou há muitas décadas atrás²⁸.

²⁶ Urbano Tavares Rodrigues, «Os fastos e o segredo de *Horas Azuis*», pref. a Alice Machado, *Horas Azuis*, Trad. de Isabel Aguiar Barcelos, Porto, Campo das Letras, 2002, p. 7.

²⁷ Marc Augé, *op. cit.*, p. 156.

²⁸ Sobre este poeta e o seu livro homónimo *Blue Crow*, que inclui o poema citado, veja-se o ensaio de Vamberto Freitas «De Joseph M. Faria e de Michael Garcia Spring: Regressos a Casa», *Gávea-Brown — A Bilingual Journal of Portuguese-American Letters and Studies*, vol. XXII-XXIII, 2001-2002, pp. 38-45. Nesse estudo, fica-se inclusivamente a saber que o poeta nunca visitou, de facto, os Açores — terra dos seus antepassados.

A função iniciática da viagem a Portugal representa o grau máximo do empenhamento emotivo destas incursões no imaginário luso, o que quer dizer que não é por qualquer rasgo militante de denúncia ou de exaltação que elas se demarcam, mas por evidenciarem uma emotividade quer através do plano narrativo ou da composição poética, quer também por vezes, e expressamente, através da instância autoral. É nesse plano da enunciação que radica uma diferença, ora subtil ora substancial, relativamente àquelas imagens literárias de Portugal, decorrentes das sucessivas vagas de diletantismo turístico ou de cosmopolitismo intelectual, e que vão errando entre o ideológico e o utópico.

Não que estejam de todo ausentes nos textos de escritores luso-descendentes alguns dos mais difundidos estereótipos identitários de Portugal e da cultura portuguesa, em certa medida (cor)respondendo às expectativas de leitores estrangeiros. Muito pelo contrário, lá se encontram o fado, a melancolia, a saudade, as mulheres vestidas de negro, as tradições religiosas, o mar...²⁹ Mas não só cada um desses elementos surge investido de uma tônica de afectividade que pode ir desde a surpresa ao sofrimento³⁰ e à repulsa, passando por diferentes matizes de combinação e de ambivalência (vd., por exemplo, os poemas da primeira secção «The Marriage of The Portuguese» que dá título ao livro de Sam Pereira³¹), como é também discernível, por entre a afeição, uma certa ironia relativamente a essas mesmas representações identitárias, o que por si só revela um misto de aproximação e de distanciamento em relação ao universo representado (vd. a voz narrativa em «The man who was made of neting» (2002), o geógrafo em *La Mélancolie du Géographe* (1994), ou a protagonista em *Jaime Baltasar Barbosa*. De resto, é nessa ambivalência ou alternância de afectos, enraizados na tensão entre presença e ausência, proximidade e distância, que se desenvolve não só aquele que é explícita ou implicitamente um olhar comparatista, como também, e por inerência ou excelência, a identidade contraditória destes “estrangeiros íntimos”. Acresce que nos autores/obras aqui em apreço, embora haja alguns sinais evidentes, não predomina a “dilaceração do sujeito intercultural” como parece, por norma, ocorrer em romances ligados à migração, ao exílio, ao bilinguismo

²⁹ Cf. Uma análise mais detalhada desses estereótipos nos romances *La Vallée des Héros* e *La Mélancolie du Géographe* in Ana Paula Coutinho Mendes, «Das narrações que (também) nos fazem: O imaginário de duas escritoras luso-descendentes traduzidas em Portugal», in *Deste Lado do Espelho — Estudos de Tradução em Portugal*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2002, pp. 289-304.

³⁰ Vd. Alice Machado, *L'agitation des rêves*, Paris, Lanore, 2002.

³¹ Sam Pereira, *Marriage of The Portuguese*, L'Epervier Press, 1978, pp. 6-12.

ou a situações de pós-colonialismo, a que Manfred Schmeling chama, de uma forma deliberadamente neutra, “romances interculturais”³².

Por outro lado ainda, importa destacar que muitos dos escritores luso-descendentes denotam ter a preocupação de renovar (desviar-se de) alguns dos clichés sobre Portugal e sobre os portugueses. Para tal, recorrem a uma reescrita já não apenas de histórias retiradas da esfera do privado, mas também de narrativas ligadas ao património histórico e cultural de Portugal, cruzando umas e outras, seguindo aquela que é aliás uma das principais características da escrita pós-modernista.

A viagem a esse outro nível de um país narrado, para além das referências pontuais a acontecimentos históricos ou a expoentes da cultura portuguesa como Camões, Fernando Pessoa, Miguel Torga, António Nobre, já resultou, por exemplo, numa reescrita das *Cartas Portuguesas*, integradas na biografia ficcional de Mariana Alcoforado (*Mariana*)³³, numa versão outra das viagens marítimas portuguesas e da descoberta da América (*Leaving Pico*), na introdução de Fernando Pessoa / Bernardo Soares não apenas como intertexto, mas também como personagem no enredo de *Between the Stillness and the Grove*, no cruzamento de personagens fictícias e figuras reais da nossa cultura contemporânea (de Luís Miguel Cintra a Nuno Júdice, passando por Maria João Pires ou Fernando Echevarría, entre outros) em *Jaime Baltazar Barbosa* (2003).

Julgo mesmo que reside nestes efeitos (inter)textuais, o aspecto mais interessante, e potencialmente mais promissor, destas (re)visitações a Portugal, uma vez que eles constituem a prova inegável de que o imaginário português não é para estes autores apenas uma questão de inclusão/conservação de um património, mas também e sobretudo de criação, no sentido de apropriação, a partir da especificidade do seu próprio olhar sobre a História e a realidade portuguesas, transformadas num variado mosaico em relação ao qual parecem dizer, como se lê numa das histórias de Katherine Vaz:

«Please put the glorious big pictures in small blocks, so that we can manage the lushness of that they are without being overwhelmed»³⁴.

³² Cf. Manfred Schmeling, «L'hybridisation culturelle du sujet et ses conséquences esthétiques dans le roman», in *Cadernos de Literatura Comparada*, 8/9, Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2003, pp. 6-22.

³³ Katherine Vaz, *Mariana*, London, Flamingo, 1997.

³⁴ Katherine Vaz, *Fado & Other Stories*, op. cit., p. 165.

É justamente a partir duma livre criação sincrética que Portugal pode ser mais do que um território geográfico e a escrita destes autores mais do que etnografia revivalista para gáudio daquela que foi a pátria dos seus familiares, ou de outros apreciadores de recantos mais ou menos exóticos, depois de também ter sido, na história recente, objecto de culto da derradeira «ficção *revolucionária* europeia»³⁵.

A propósito desse outro imaginário simbólico, caberá aqui lembrar uma passagem do mais recente romance de Brigitte Paulino-Neto, o já antes citado *Jaime Baltasar Barbosa*: perante a curiosidade irónica da prima (ou alter-ego) Ana, a protagonista, luso-descendente, toma consciência de um Portugal mais profundo do que aquele que, histórica e geograficamente se formara no cruzamento com outros lugares e culturas, e da reputação do qual, aliás, sente que abusa mais do que conhece. Esse outro país é como um corpo outro, de formas escassas mas perturbadoras, e situa-se ao nível de uma geografia emocional aberta a uma *semiosis* constante:

«Semblable à un texte pieux auquel on peut se référer sans cesse, rouleau de sable et pierres que n'épuise pas l'interprétation; visage dont le face à face ne livre pas le mystère, territoire à situer seulement dans la région du cœur»³⁶.

Desta topografia afectiva, prospectiva e não apenas regressiva, convém, por fim, sublinhar que ela corresponde a uma escolha e não (ou apenas) a um acaso biográfico tornado contingência. O que estes escritores luso-descendentes fazem, ao reconstruírem na sua língua primeira ou de adopção, legados da cultura portuguesa, é criar um “lugar de encanto”³⁷, isto é, um espaço de distinção, num universo massificado sob o signo do “melting pot”. Ora, a imaginação geográfica constituída por lugares (re)inventados de pertença ou de identificação cultural com uma comunidade, em vez de dissolver pura e simplesmente fronteiras, obriga a repensá-las a partir da experiência de sujeitos individuados que fazem delas portas e janelas abertas a mundos outros. É justamente nesse sentido que Portugal

³⁵ Eduardo Lourenço, *A Europa Desencantada – Para uma mitologia europeia*, Lisboa, Visão, 1994, p. 148.

³⁶ Brigitte Paulino-Neto, *Jaime Baltasar Barbosa*, *op. cit.*, p. 184.

³⁷ Jean Bessière, «Notes sur la frontière en relisant Michel Butor», in *Une Amitié Européenne — Nouveaux horizons de la littérature comparée* (Textes réunis para Pascal Dethurens), Paris, Honoré Champion Éditeur, 2001, p. 14.

reescrito por estes “estrangeiros íntimos”, se não se esgotar num efeito de moda étnica globalizante, pode representar uma forma crucial de resistência à assimilação da(s) diferença(s) culturais. Resistir já não tanto como quem preserva uma “identidade cultural de refúgio”, mas como quem contribui para aquele que é certamente o grande desafio de uma “outra mundialização”³⁸, onde a coabitação nas sociedades contemporâneas signifique não só o direito a, mas também a existência reconhecida de uma *multi-identidade* cultural, urdindo-se na intersecção sempre dinâmica das esferas privada e pública.

³⁸ Cf. Dominique Wolton, *L'Autre Mondialisation*, Paris, Flammarion, 2003.